

---

# Método e História em Hegel

## Method and History in Hegel

João Alberto Wohlfart<sup>1</sup>

**Resumo:** O artigo tenta explicitar a noção de método formulada por Hegel no último capítulo da *Ciência da Lógica* intitulado de Ideia absoluta. Contrariamente à concepção clássica de método que consiste na aplicação exterior de um procedimento racional a um conteúdo carente de organização, a noção de método desenvolvida no final da *Ciência da Lógica* caracteriza a racionalidade do próprio conteúdo em autodesenvolvimento. Nesta perspectiva, o texto hegeliano apresenta a tríplice noção de método como força intrínseca de desenvolvimento, a estrutura como um movimento de auto-organização interna e o sistema como uma dinâmica de relações interesféricas que ultrapassa a própria *Lógica*. Na tentativa de reconstrução das principais estruturas argumentativas do texto hegeliano, o artigo procura desdobrar esses argumentos para a noção de Filosofia da História, interpretando um conceito de historicidade da razão dentro da *Ciência da Lógica* e na inseparável relação da Ideia universal com a História universal.

**Palavras-chave:** *Ciência da Lógica*; Método; História; Conteúdo; Estrutura

**Abstract:** This article attempts to clarify the concept of method formulated by Hegel in the last chapter of the *Science of Logic* entitled absolute Idea. Contrary to the classical conception of method that involves the outside application of a rational procedure to a lacking content organization, the notion of method developed at the end of the *Science of Logic* characterizes the rationality of the own content in self-development. In this perspective, the Hegelian text presents the threefold notion of method as intrinsic strength development, the structure as a movement of internal self-organization and the system as a dynamic relationship that surpasses the *Logic*. In an attempt to rebuild the main argumentative structures of the Hegelian text, the article attempts to deploy these arguments to the notion of philosophy of the history, interpreting the concept of reason's historicity within the *Science of Logic* and inseparable relationship with the universal idea with the universal history.

**Keywords:** *Science of Logic*; Method; History; Content; Structure

## Introdução

O artigo tem como problemática o questionamento acerca da significação hegeliana de método exposta pelo filósofo no final da *Ciência da*

---

<sup>1</sup> Instituto Superior de Filosofia Berthier (IFIBE); Faculdade de Administração da Associação Brasileira de Educação (FABE). E-mail: joao@fabemarau.edu.br

*Lógica*. Seguramente, o texto intitulado por Hegel de Ideia absoluta é um dos mais densos, significativos e complexos de toda a obra hegeliana. Por um lado, expõe sinteticamente todas as determinações racionais, estruturas categoriais que convergem na complexa estrutura da Ideia absoluta, por outro, caracteriza o ponto de passagem para as outras esferas do sistema filosófico que são a *Filosofia da Natureza* e a *Filosofia do Espírito*. Portanto, é um dos principais textos da *Ciência da Lógica* no qual Hegel manifesta particularmente a sua genialidade e originalidade. No conjunto da filosofia hegeliana, a Ideia absoluta assume um papel fundamental em função da pulsão metódica que se estende para a estruturação de todo o sistema filosófico.

O ponto de discussão será a síntese hegeliana entre subjetividade e objetividade, entre ideia de vida e de conhecimento, entre interioridade e exterioridade na noção de autoconhecimento do conteúdo. A noção de método constante nesse texto diverge radicalmente de outras concepções segundo as quais uma forma extrínseca é aplicada ao conteúdo para produzir a sua exposição. A estrutura da Ideia absoluta diverge de algumas compreensões vulgarizadas da filosofia hegeliana como um idealismo negador de qualquer realidade. Nessa direção, somente importaria a idealidade compreendida como sistema de ideias puras transcendentais, enquanto o real não teria importância para a filosofia hegeliana. Contrariamente a essa noção de interpretação da filosofia hegeliana, o capítulo final da *Ciência da Lógica* expõe a autodeterminação racional do conteúdo e a efetivação da razão na convergência entre universalidade subjetiva e universalidade objetiva. A intrínseca compenetração entre racionalidade e realidade fica clara na exposição das relações entre *Ciência da Lógica* e Filosofia do Real enquanto sistemática metódica de autodesenvolvimento do sistema filosófico.

A dimensão da realidade a ser contemplada é a História na qual e a partir da qual o sistema da razão se configura e se desenvolve. A estrutura de subjetividade e de objetividade dialeticamente expostas no texto sobre a Ideia absoluta tem como consequência direta a mútua determinação entre idealidade e historicidade, entre logicidade e realidade. Por esse viés, o artigo tenta sustentar que a História não é um aspecto secundário da filosofia hegeliana, mas compenetra todo o sistema na condição de uma fundamental Filosofia da História. O caráter indissociável entre a Ideia universal e a História se dá na

trajetória histórica do desenvolvimento da filosofia e de seu processo de sistematização, tal como na trajetória entre o objetivismo grego e medieval e a subjetividade moderna, e tal como nos diferentes passos constantes entre Espinosa, Kant e o Idealismo alemão sistematizados por Hegel na *Ciência da Lógica* e nas outras obras que compõem o sistema filosófico. Neste sentido, o artigo procura afirmar que a filosofia hegeliana brota da História como a sua interpretação e sistematização racional.

### 1. Estrutura, Método e Sistema

Subjetividade, objetividade e Ideia são as estruturas constitutivas da arquitetônica da terceira parte da *Ciência da Lógica* hegeliana. É uma estruturação semelhante àquela que encontramos no capítulo sobre a dialética transcendental da *Crítica da Razão Pura* kantiana, nas denominações de alma, mundo e Deus. São componentes da metafísica tradicional subdividida em psicologia racional, cosmologia e teologia. Em Hegel, estas estruturas recebem uma compreensão peculiar e original, diferente dos padrões do pensamento clássico. Hegel não distribui estas estruturas como se elas estivessem analiticamente justapostas, mas dá a elas uma figuração dialética quando aparecem como momentos determinados de um desenvolvimento global. Assim, a subjetividade aqui considerada não é um sujeito empírico e material, mas uma subjetividade configurada como inteligibilidade ontológica da filosofia e estruturada nos momentos do conceito, do juízo e do silogismo. É possível sustentar que a subjetividade contém a dimensão mais lógica da *Ciência da Lógica* quando aparece como uma estrutura categorial ontológica em desenvolvimento categorial. Na objetividade, Hegel estabelece os pressupostos de sua *Filosofia da Natureza* e a divide em mecanismo, quimismo e teleologia. O mecanismo expressa a autonomia e a relação externa dos corpos celestes e dos planetas. Estes aparecem como diferentes e integrados sistematicamente no quimismo para dar-lhes uma finalidade na teleologia. A unidade dialética entre subjetividade e objetividade é formulada por Hegel no capítulo sobre a Ideia estruturada em Ideia de vida, Ideia de conhecimento e Ideia absoluta determinada como estrutura, método e sistema. A filosofia hegeliana como método e sistema é formulada a partir do capítulo final sobre a Ideia absoluta.

A consideração da trilogia das estruturas categoriais de subjetividade, objetividade e Ideia basta a identificação da arquitetura interna para servir de parâmetro na exposição do método, da lógica do sistema e do conceito na Filosofia do Real. A objetividade não é a exterioridade do conceito compreendido como uma esfera externamente contraposta e uma subjetividade racional, mas a objetividade é a subjetividade no seu ser outro e na sua diferença. O conceito subjetivo é determinado na exterioridade dos elementos que compõem a objetividade. Um questionamento possível de ser feito contra Hegel diz respeito à possibilidade de incluir a objetividade da natureza no universo da *Ciência da Lógica*. Ao incluir na exposição da Ideia lógica a objetividade do mecanismo e do quimismo, Hegel pressupõe a logicidade intrínseca da natureza e a sua significação filosófica imediatamente determinada. A Ideia aparece como unidade sintética de subjetividade e objetividade, de idealidade lógica e natureza, quando a subjetividade recupera na objetividade da diferença a reflexividade conceitual. Em outras palavras, a objetividade do mecanismo e do quimismo representa a objetividade da racionalidade do conteúdo portador da autoconsciência da razão. Num parágrafo conciso e denso da *Enciclopédia das Ciências Filosóficas*, o filósofo precisa o significado da Ideia:

A ideia, como unidade da ideia subjetiva e da objetiva, é o conceito da ideia, para o qual a ideia como tal é o objeto; para o qual o objeto é ela: um objeto em que vieram reunir-se todas as determinações. Essa unidade é, pois, a verdade toda e absoluta, a ideia que se pensa a si mesma, e decerto aqui, enquanto ideia pensante, enquanto ideia lógica (HEGEL, 1995, § 236).

A Ideia aparece como síntese entre subjetividade e objetividade, entre ideia de vida e ideia de conhecimento, forma e conteúdo, racionalidade lógica e objetividade. Para Marcuse, “à medida em que progredimos na lógica de Hegel, a dialética surgiu como um princípio ontológico universal que afirma que toda existência segue seu curso transformando-se no oposto de si e produzindo a identidade de seu ser pela superação da oposição”<sup>2</sup>. Hegel, nessa referência fundamental de sua filosofia, aborda uma problemática filosófica central para a História da Filosofia. Não se trata de conjugar na unidade sintética duas estruturas anteriores contrapostas e separadas entre si, mas de um caminho de

---

<sup>2</sup> MARCUSE, 1978, p. 143.

autoconstrução da razão que passa pelo outro de si e retorna a si mesma como um momento mais elevado que é a Ideia absoluta. Ela não pode ser compreendida como uma unidade indiferenciada na forma de sujeito-objetividade e objeto-subjetividade, mas conjugadas na concretude onde seriam subsumidas as diferenças de subjetividade e objetividade. Diferente da indiferença schellinguiana, a Ideia absoluta é uma estrutura sintética na qual a subjetividade e a objetividade são conjugadas como intrinsecamente determinadas nas duas dimensões de uma mesma totalidade. Assim, a Ideia absoluta contém a inteligibilidade do conceito que caracteriza a interioridade reflexiva e ontológica da Ideia; contém, igualmente, a estrutura sistemática das determinações concretas estruturadas conceitualmente. Com esta formulação, subjetividade e objetividade são componentes diferenciados de uma mesma e única estrutura, a primeira determinada como força de desenvolvimento e a segunda determinada como estrutura e sistema. Nesta dialética, a objetividade é resultado da livre autodeterminação e autodiferenciação da subjetividade do conceito e esta advém da reflexividade resultante da posição da objetividade, realizando simultaneamente os movimentos de interiorização reflexiva e de organização objetiva. Em outras palavras, na objetividade o conceito expõe as suas determinações intrínsecas e na subjetividade a Ideia fundamenta os diferentes graus de reflexividade do próprio conteúdo determinado.

Na Ideia absoluta, forma e conteúdo são determinados na unidade sintética prefigurada ao longo de toda a *Ciência da Lógica*. Nessa síntese, é consolidada a convergência da multiplicidade de categorias e de grupos categoriais (*Kategoriengruppen*) de ser, essência e conceito. No processo de exposição e de desenvolvimento da estrutura da *Lógica* metodicamente estruturada na progressiva síntese de categorias contrárias suprasumidas numa unidade superior, não se dá o desaparecimento e a dissolução de uma categoria numa unidade conceitual mais qualificada, mas as categorias aparecem em diferentes níveis de efetividade ao longo da obra. A Ideia absoluta é determinada como o universo de fundamentação e de convergência de todas as formas de desenvolvimento categorial desencadeadas ao longo de toda a *Lógica*. Neste último capítulo da obra, as categorias são suprasumidas num nível mais elevado de universalidade e integradas numa estrutura mais densa de desenvolvimento dialético. Neste procedimento, a unidade de forma e conteúdo é fácil de ser

formulada. A forma pode ser caracterizada como a inteligibilidade reflexiva do fio condutor da *Ciência da Lógica* e princípio de autodeterminação pelo qual o sistema desencadeia o movimento de desenvolvimento próprio. O conteúdo pode ser determinado como o sistema da *Lógica* organizado em categorias e estruturas categoriais cujo resultado é um edifício metodicamente construído desta obra hegeliana. A unidade diferenciada de forma e conteúdo é fundamentada pela coextensividade entre a reflexividade lógica e a exposição concreta do sistema da *Ciência da Lógica*.

O capítulo sobre a Ideia absoluta é um dos textos centrais da filosofia hegeliana. Como já observamos acima, nesta unidade acontece a síntese dialética de toda a *Ciência da Lógica* e ponto de passagem para as outras “partes” do sistema que são a Natureza e o Espírito. Uma investigação mais aprofundada levaria a considerar a Ideia absoluta como a estrutura dorsal do sistema, cujas determinações são as totalidades de Lógica, Natureza e Espírito. Mas esta investigação só é possível de ser realizada quando o sistema hegeliano é abordado em seu conjunto. Neste nível de efetividade, a Ideia não só aparece como a totalidade do lógico, mas como a força de autodesenvolvimento do sistema filosófico como um todo.

Na estrutura dinâmica formada pela subjetividade, objetividade e Ideia, Hegel introduz um movimento dialético muito peculiar para a filosofia. Sabe-se que as categorias de subjetividade e objetividade, classicamente, caracterizaram polaridades de uma antinomia irreduzível quando, na afirmação de um dos polos, é rebaixada ao vazio da indeterminação a outra polaridade. Para Hegel, no método da Ideia absoluta, a subjetividade e a objetividade constituem dimensões diferenciadas da mesma estrutura sintética da identidade diferenciada da universalidade subjetiva e da universalidade objetiva. Por um lado, a objetividade é resultado do autodesenvolvimento interno da subjetividade em desdobramento na estrutura de círculos concêntricos diferenciados representados na Natureza e no Espírito. Neste movimento, a subjetividade universal impregna a sua inteligibilidade conceitual em todas as estruturas que caracterizam o sistema de objetividade a ser traduzido como uma estrutura dialeticamente articulada. Como se sabe, a passagem da subjetividade para a objetividade não esvazia a Ideia em desdobramento no mundo, mas a constituição da objetividade retorna ao conceito pelo aprofundamento da

subjetividade e reflexividade do sistema. O movimento de interiorização da subjetividade caracteriza a transposição da objetividade sistemática em subjetividade pensante e interioridade reflexiva. A pulsão do dinamismo interno da Ideia é capaz de inverter as determinações dos componentes no interior dos quais a forma da subjetividade transforma-se em objetividade e a estrutura objetividade adquire o estatuto da autodeterminação racional. O primeiro movimento correspondente à exteriorização se dá quando as determinações inteligíveis e internas se diferenciam e resultam na estrutura da objetividade, vale dizer, a inteligibilidade é determinada nos diferentes níveis de efetivação da objetividade. Em outras palavras, trata-se força racional da autodeterminação do próprio conteúdo estruturado num sistema metodicamente articulado. Por outro lado, a Ideia também compreende o movimento da subjetividade segundo o qual se transforma em pensamento. O que assegura a permanente novidade do sistema da Ideia é a mútua ultrapassagem entre as duas dimensões constitutivas. A objetividade ultrapassa a subjetividade através do movimento ainda não realizado da efetividade caracterizado por um dinamismo de desenvolvimento mais elevado. Por outro lado, a subjetividade ultrapassa a objetividade porque, no retorno a si mesma, a reflexividade é mais profunda que o exteriorizado neste nível de objetividade. Assim, todo o sistema vai ser articulado a partir da circularidade horizontal da permanente superação da inteligibilidade reflexiva pela objetividade sistemática e vice-versa. Isto significa dizer que o sistema da Ideia é caracterizado pela permanente atualização circular entre subjetividade e objetividade na qual cada uma se determina a si mesma na diferença e retorna a si mesma num outro grau de qualificação. Com isto, o sistema da Ideia se caracteriza pela totalização reflexiva de mútua diferenciação e de permanência em si das dimensões de subjetividade e objetividade. O método é assim definido:

O método é o movimento de ilimitada universalidade, no sentido interno e externo, como força absolutamente infinita, que nenhum objeto enquanto se apresenta como exterior, afastado da razão e independente dela, poderia oferecer resistência, oferecer diante dela uma natureza particular e recusar-se a ser compenetrado por ela. Por isto, o método é a alma e a substância, e uma coisa só é conceituada e sabida em sua verdade, quando está totalmente submetida ao método; ela é o método de cada coisa mesma, porque a sua atividade é o conceito. Este é o sentido verdadeiro da universalidade, segundo a universalidade da

reflexão tudo é tomado como método; segundo a universalidade da Ideia ele é o meio e o sentido do conhecimento, como o subjetivo autoconhecimento do conceito, como a maneira e sentido objetivo, ou muito mais a substancialidade das coisas, ou seja, dos conceitos, enquanto a representação e a reflexão aparecem em outro (HEGEL, 1999, p. 238).

O texto citado aponta para uma das configurações fundamentais do método na ilimitada universalidade interna e externa. Hegel o formula de uma forma diferente em relação a Schelling que estabeleceu uma indiferença universal entre os componentes epistemológicos da subjetividade e da objetividade. Para o filósofo de Berlin, a ilimitada universalidade interior e exterior não constitui um único círculo indiferenciado com as dimensões imediatamente idênticas, mas formam uma estrutura integrada onde se distinguem a interioridade e a exterioridade, a universalidade subjetiva e a objetiva. Nesta configuração, a subjetividade e a objetividade são idênticas porque se mediatizam mutuamente, são diferentes enquanto momentos diferenciados de uma mesma estrutura. A subjetividade contém em si mesma a objetividade porque a compenetra e se expressa nela; enquanto a objetividade contém a subjetividade como força organizadora e capacidade de auto-organização do conteúdo. Hegel caracteriza o método como uma força infinita da qual nenhum objeto e nenhuma particularidade podem escapar. Nesta perspectiva, há uma força absolutamente universal e um movimento universal que se estendem por todo o sistema em cuja dinâmica todas as coisas e esferas particulares são constituídas. Como as coisas foram dissolvidas no capítulo sobre a “dissolução da coisa”, o desenvolvimento das diferentes esferas inclui-se no dinamismo universal da absolutividade do método no qual tudo é formado e transformado permanentemente. Neste sentido, a alma do método é a força universal de organização que perpassa todas as determinações particulares e mediatiza as diferentes esferas de totalidade, enquanto a substancialidade caracteriza a exterioridade da estrutura do real. Em referências mais amplas, a conjugação da alma e da substância do método, como demonstramos no presente artigo, é a força de mediação entre as esferas da Lógica, da Natureza e do Espírito. O método de cada coisa não consiste em indicar a sua identidade irreduzível, mas está inserida na perspectiva do método enquanto é necessário observar o seu processo de formação e a síntese que representa no movimento global do



método, num procedimento que começa pela mais ampla universalidade e conclui com a determinação mais restrita. Mas Hegel indica uma tríplice perspectiva de universalidade: a universalidade subjetiva da força do método como inteligibilidade do conteúdo, a universalidade objetiva da estrutura do real enquanto autoconsciência do próprio conteúdo e a universalidade do conhecimento subjetivo que situa as coisas particulares numa perspectiva e numa dinâmica sistemática mais ampla. O conceito de verdade é assim formulado:

A negatividade considerada constitui agora o ponto de efetivação do movimento do conceito. É o ponto simples da referência negativa a si mesma, a fonte mais íntima de toda a atividade, de todo o automovimento vivente e espiritual, a alma dialética, que tem todo o verdadeiro em si mesmo, e por ponto médio ela somente é um verdadeiro: com efeito, somente sobre esta subjetividade se funda a eliminação da oposição entre conceito e realidade e a unidade, que é a verdade (HEGEL, 1999, p. 246).

A questão do método é um problema central da filosofia hegeliana. Para Klaus Hartmann, “o método é o caminho de desenvolvimento do conceito, no qual o conceito se tem em objetividade, e a forma e o sentido, como se põe este desenvolvimento. Ele é o movimento peristáltico de forma e conteúdo, o movimento categorial do conceito para o saber de si mesmo”<sup>3</sup>. Ao longo da *Ciência da Lógica* é possível identificar a diferença entre a racionalidade lógica ou universalidade inteligível e o seu oposto determinado, em cuja tensão o conteúdo não corresponde adequadamente à racionalidade que ali é efetivada. Em outras palavras, a racionalidade não se concretiza adequadamente em nenhuma forma de particularidade concreta e sempre ultrapassa uma determinada forma de efetividade. Na Ideia absoluta, Hegel formula esta adequação entre forma e conteúdo, entre subjetividade e objetividade. Esta adequação é a autodeterminação do conceito na totalidade complexa de todas as estruturas que compõem a *Ciência da Lógica* e os componentes do sistema como um todo. Em outras palavras, o método diz respeito a um roteiro imanente de autodesenvolvimento do conteúdo traduzido no sistema, vale dizer, na autoconsciência do real. Assim, o método é constituído pelos movimentos complementares entre si de autodesenvolvimento e autodeterminação. O autodesenvolvimento diz respeito ao dinamismo interno de exposição como

---

<sup>3</sup> HARTMANN, 1999, p. 444.

expressão da liberdade do conceito e progressiva extensão da subjetividade, enquanto a autodeterminação diz respeito ao estabelecimento do conteúdo determinado a partir da racionalidade do conceito, desdobrando-se na riqueza estrutural do real em suas múltiplas facetas e expressões. Em outras palavras, o método hegeliano diz respeito à circularidade dialética entre a progressiva manifestação do conceito na objetividade e o conseqüente aprofundamento da autodeterminação.

Do ponto de vista hegeliano, o método significa um processo intrínseco e sistemático de exposição do conteúdo dado pelo conjunto das categorias e estruturas categoriais da *Lógica* e o conjunto das regiões conceituais que formam o sistema como um todo. O método desencadeia uma lógica interna de autodiferenciação, de limitação das diferentes esferas e de totalização reflexiva quando aparece determinada como estrutura. No método, a subjetividade ultrapassa dialeticamente a transcendentalidade pura e reflexividade subjetiva contraposta ao conteúdo da objetividade para determinar-se no sistema da totalidade complexa da Ideia. Por outro lado, a estrutura da Ideia é subjetivamente determinada pela autoconsciência do conteúdo que vai exprimindo diferentes graus de racionalidade e reflexividade. Assim, a processualidade interna da autodeterminação do conteúdo segue um roteiro representado pelas categorias do conceito, no qual os momentos de universalidade, particularidade e singularidade traduzem a logicidade interna do sistema a partir da dedução das categorias e das diferentes partes do sistema. O método de autodeterminação da Ideia consiste na passagem da abstração para a concretude, do imediato ao determinado, da justaposição abstrata de determinações conceituais para o impulso do fluxo intrínseco de exposição do conteúdo da Lógica. A dialética da Ideia universal é assim formulada:

Esta ampliação pode considerar-se como o momento do conteúdo, e, em seu conjunto, como a primeira premissa: o universal se comunicou à abundância do conteúdo, e conservado diretamente neste. Mas a relação tem também o seu segundo lado, o negativo ou dialético. O enriquecimento progride na necessidade do conceito, está contido por este, e cada determinação é uma reflexão sobre si. Cada novo grau de saída de si de uma ulterior determinação, é também um adentrar em si, e a maior extensão é igualmente maior intensidade. Por conseguinte, o mais rico é o mais concreto e mais subjetivo, e o que se retira à profundidade mais

simples, é o mais poderoso e o mais abrangente (HEGEL, 1999, p. 251).

Um componente peculiar do método hegeliano é a compenetração de movimentos opostos que figuram em outras concepções filosóficas como contraditórios e mutuamente excludentes. O método é estruturado a partir do desenvolvimento em exterioridade quando amplia a objetividade, o conteúdo, a sistematicidade, a densidade ontológica e a universalização concreta da estrutura da Ideia. Por outro lado, coextensivo ao desenvolvimento da totalidade acontece o movimento de interiorização da reflexividade ontológica presente a si mesma na diferenciação da estrutura do método. Nesta tensão, quanto maior a extensão da Ideia, maior a interiorização reflexiva, ou seja, neste duplo movimento de inteligibilidade, a exposição sistemática do conteúdo é a pressuposição da interiorização e vice-versa. A permanente ampliação da estrutura do método não resulta numa realidade empírica carente de racionalidade, como se a inteligibilidade racional do conceito não tivesse força de penetrar na objetividade. O autodesenvolvimento do conteúdo como característica fundamental do método não expõe uma substancialidade objetiva indiferenciada e abstrata, mas a estrutura do método é composta pela sequência de círculos concêntricos cada vez mais amplos, complexos e densos. A regra lógica deste desenvolvimento pode ser formulada a partir da combinação de elementos como a extensão, a universalidade concreta, a inteligibilidade e a concreticidade dos círculos da própria Ideia. Assim, a cada grau de exposição correspondente a um círculo de universalidade determinada corresponde um determinado grau de reflexividade. Com isso, desfazemos toda forma de determinismo idealista atribuído à filosofia hegeliana sustentada pela idealidade da Ideia de onde são necessariamente deduzidas as determinações concretas. Em outras palavras, tudo estaria inexoravelmente predeterminado na Ideia e a concretização sistemática da mesma nada mais comportaria que a efetivação daquilo que está inteligivelmente contido na Ideia. Esta unilateralidade é quebrada pela lógica do desenvolvimento capaz de ultrapassar metodicamente qualquer forma de pressuposição analítica inexorável que posteriormente aplica estas determinações nas diferentes figurações da objetividade. Sempre que a Ideia retorna reflexivamente sobre si mesma, incorpora novas determinações imanentes que transcendem a linearidade do pensamento apriorístico

simplesmente traduzidas na objetividade. Sobre a personalidade do método, Hegel assim escreve:

O conceito não é somente alma, senão livre conceito subjetivo, existente por si, e que, com isto, tem personalidade – é o conceito objetivo prático, determinado em si e por si, que, como pessoa, é subjetividade impenetrável, indivisível – mas que não é, tampouco, individualidade exclusiva, senão que é por si universalidade e conhecimento, e tem em seu outro sua própria objetividade como objeto (HEGEL, 1999, p. 236).

Hegel caracteriza o método como personalidade indivisível. O absoluto em Hegel não é um transcendental contraposto e exterior ao finito, mas a totalidade em movimento sistematicamente articulado. Dentro da totalidade maior e universal, há outras totalidades particulares que articulam a mediação silogística da autodeterminação do todo. A esta estrutura Hegel denomina pessoa indivisível. A categoria de pessoa teve origem na remota filosofia de Sócrates, passou a ser filosoficamente elaborada ao longo da filosofia medieval e é assumida por Kant na incondicionalidade da pessoa moral tida como fim absoluto e jamais como meio. A pessoalidade diz respeito a um sistema inteligivelmente subsistente no qual os supracitados movimentos lógicos de interiorização e de constituição do sistema são simultâneos. Em palavras mais precisas, a pessoalidade da Ideia resulta da subsistência e reflexividade na extensão da totalização sistemática quando a universalidade concreta é estabelecida. Por isto, trata-se de uma razão metodicamente clara a exposição do texto da Ideia absoluta ao identificá-lo com a pessoalidade absoluta e indivisível. A Ideia absoluta aparece no final da obra como estrutura mais elevada em universalidade objetiva, uma esfera transcategorial sintética alcançada pela supressão das diferenças e das contradições. Neste nível, as oposições e contradições são integradas como movimentos de inteligibilidade diferenciados que se completam na circularidade cada vez mais extensa do sistema. No método, a pessoalidade da Ideia não aparece apenas como momento mais elevado da estrutura transcategorial irreduzível à limitação de determinada região categorial, mas também figura como centro articulador e ponto de convergência de uma multiplicidade de categorias e relações categoriais. A reflexividade estrutural alcançada pelo sistema da *Ciência da Lógica* estabelece a subsistência como totalidade em movimento e suprassume a subjetividade universal do

conceito no poder de autodeterminação da Ideia e a objetividade do mecanismo e do quimismo na efetividade estrutural do método e do sistema.

O método é caracterizado por Hegel como universalidade absoluta e como substancialidade global. Como universalidade absoluta, o método compreende a potência, a atividade, o movimento intrínseco e a força que impulsiona o conteúdo numa exposição ordenada. Esta alma universal se determina como conteúdo e reconhece em cada figuração uma forma de concretização da subjetividade. Esta racionalidade inteligível global penetra, desta forma, em cada categoria lógica e em cada estrutura da Filosofia do Real e do sistema filosófico; em contrapartida, cada determinação concreta interioriza e expõe esta universalidade a partir de sua determinidade específica. Enquanto substancialidade global, o método é constituído pela estrutura sistemática dos conteúdos, pela multidimensionalidade das estruturas concretas dadas pela Natureza e pelo Espírito. O impulso vital como universalidade inteligível e a substancialidade concreta conjugadas no único sistema do método resultam na racionalidade do conteúdo que se diferencia a partir da interioridade subjetiva e se estende em círculos concêntricos que ampliam a universalidade subjetiva e a estrutura sistemática. Para Puntel, “sustenta-se uma respectiva identidade entre a Ideia como forma e a determinidade: a determinidade é a respectiva Ideia. Mas por meio disto há uma diferença entre a Ideia e a determinidade, porque a Ideia não tem apenas uma determinação, mas é um sistema de determinidades”<sup>4</sup>. Dada a abrangência universal da incondicionalidade do método, nenhum conteúdo particular pode escapar de sua lógica ou ficar fora do sistema da Ideia porque se transforma em exterioridade vazia, abstração, opinião passageira. A incondicionalidade do método que nada pode ter fora de si e tudo compenetra pode ser interpretada como uma lógica necessitarista que subjuga a particularidade e a determinidade. Mas, por outro lado, cada coisa particular é pensada em seu método próprio e em sua estrutura interna quando se torna capaz de determinar e manifestar a Ideia na determinidade que lhe corresponde. Em outras palavras, cada coisa particular interioriza e exterioriza nas condições próprias a universalidade inteligível do método, quando esta é repostada. Com isto, Hegel equilibra metodicamente polos de uma antinomia aparentemente

---

<sup>4</sup> PUNTEL, 1981, p. 225.

irredutível como método e sistema, força e estrutura, forma e conteúdo na inteligibilidade do conteúdo em evolução sistemática. Muito mais do que representar uma invasão externa ou uma forma de racionalidade contraposta à particularidade e às liberdades individuais, a incondicionalidade do método aparece nas coisas particulares como a sua subjetividade mais profunda e a identidade mais radical. Sobre a dimensão analítica e a dimensão sintética do método, o filósofo escreve:

Portanto, o método do absoluto conhecer é analítico. O fato de que tal método encontre a ulterior determinação de seu universal inicial somente neste, constitui a absoluta objetividade do conceito, da que o método mesmo é a certeza. Sem embargo, este método é também sintético, porquanto seu objeto, determinado imediatamente como universal simples, se mostra como outro, por meio da determinação que ele mesmo tem em sua imediação e universalidade. Esta relação de um diferente, que o objeto representa deste modo em si o que se considera como síntese no conhecimento finito; já por sua determinação igualmente analítica em geral, pela qual representa a relação no conceito, ela se distingue totalmente desta relação sintética (HEGEL, 1999, p. 242).

O método hegeliano é desdobrado nos momentos analítico e sintético. Esta duplicidade do método é caracterizada pelo fato de o texto sobre a Ideia absoluta estar situado entre a *Ciência da Lógica* e a Filosofia do Real que corresponde com as outras partes do sistema. O método analítico caracteriza a *Lógica* em sua pureza formal e idealidade puramente inteligível, sem nenhuma forma de desdobramento concreto na Filosofia do Real. Trata-se da força de articulação constituída pela incondicionalidade fundamental do conceito e pelas estruturas categoriais lógicas que indicam a arquitetura estrutural da *Ciência da Lógica*. Em outras palavras, é possível dizer que a idealidade da *Lógica* contém inteligivelmente as estruturas da Natureza e do Espírito, sem a positividade do desenvolvimento concreto e real. O momento analítico é o indicativo da significatividade fundamental da *Lógica* que contém de forma categorial e genética as determinações configuradas como concretas. O método sintético diz respeito ao desdobramento real e desenvolvimento concreto de uma racionalidade fundamental quando explicita as suas determinações internas. A dimensão sintética do método compreende as múltiplas formas de concretização da inteligibilidade fundamental e fundante da *Ciência da Lógica*. Assim,

considerando metodicamente o sistema como um todo, devido ao seu caráter formal, o método analítico corresponde com a *Ciência da Lógica* e, considerando o caráter efetivo, o método dialético corresponde com a *Filosofia da Natureza* e a *Filosofia do Espírito*. Porém, esta separação apenas metodológica feita entre o analítico e o sintético não pode ser interpretada como se o analítico fosse uma incondicionalidade geneticamente predeterminada para ser simplesmente realizada, mas o desenvolvimento da forma e do conteúdo são processos simultâneos do mesmo método. A conjugação da dimensão analítica e da dimensão sintética do método é dada numa sucessão de círculos que acumulam, sucessivamente, uma universalidade mais intensa e uma totalidade mais complexa e distribui as esferas do real em esferas diferenciadas de organização racional.

## **2. Método e historicidade na *Ciência da Lógica***

O texto conclusivo da *Ciência da Lógica* aqui considerado em seus pontos estruturantes apresenta razões bastantes para estabelecer uma ligação com a concepção hegeliana de História. Dois sentidos devem ser atribuídos a ela: por um lado, a concepção hegeliana de filosofia é uma determinação histórica na condição do tempo histórico apreendido pelo pensamento e o fruto mais elevado e mais amadurecido da história; por outro, na condição de História da Filosofia enquanto desenvolvimento do pensamento filosófico através dos filósofos, obras filosóficas e sistemas filosóficos em multilateral interação. A compreensão hegeliana de História tem como foco principal a transcendência em relação aos filósofos individuais quando a filosofia aparece como desenvolvimento e sistematização global que integra todos os filósofos numa progressão sistemática e incluídos na perspectiva atual do pensamento.

A filosofia hegeliana em geral, e a *Ciência da Lógica* em particular, não constituem uma doutrina formada com tal estrutura argumentativa, princípios de racionalidade e estrutura metódica enquanto dogmaticamente dadas, mas é desenvolvida a partir da interlocução crítica com a filosofia em geral e com alguns filósofos em particular. A *Ciência da Lógica* não segue apenas um modelo dialético e uma estrutura sistemática, mas é construída a partir de uma crítica demolidora à metafísica tradicional, da confrontação com a filosofia moderna da subjetividade e do diálogo produtivo e crítico com os outros filósofos que

integram a corrente do Idealismo alemão de Fichte e Schelling. Uma atenta leitura da obra hegeliana em questão constata a presença de vários filósofos, de conceitos filosóficos e de correntes filosóficas superadas em sua significação original e transformadas na perspectiva da crítica hegeliana. Antes de uma doutrina, a obra hegeliana em questão surge da radical problematização da filosofia clássica e da conseqüente necessidade de elaboração de uma nova concepção de filosofia capaz de responder às exigências do tempo histórico. Portanto, a *Ciência da Lógica* inclui-se na dinâmica histórica de desenvolvimento do pensamento filosófico particularmente motivado pela superação do caráter estático e dualista da ontologia tradicional e pelo estabelecimento de uma filosofia dinamicamente sistemática diante do formalismo da filosofia kantiana e da simplicidade da filosofia schellinguiana, por exemplo.

A *Ciência da Lógica* expõe vários caminhos dialéticos da racionalidade filosófica em processo de sistematização oriundos da crítica a outros filósofos que são dissolvidos na sua dimensão original e reintegrados na configuração sistemática da obra em questão. Por esse caminho, a *Ciência da Lógica* não aparece apenas como resultado de um processo de desenvolvimento sistemático da filosofia que passa pela crítica à metafísica tradicional, que procura construir uma síntese entre o eu livre de Kant e a substância de Espinosa e que pretende ir além da proposta filosófica de Fichte e de Schelling na sua tentativa de superação dos dualismos clássicos e da filosofia transcendental moderna. Esses raciocínios encontram-se dentro da obra que incorpora no desdobramento dialético da exposição das categorias e das estruturas categoriais. Um exemplo típico dessa afirmação é a estruturação da *Lógica da essência*, configurada globalmente como mediação entre a *Lógica do ser* e a *Lógica do conceito*, é uma crítica sistemática contra a clássica categoria de essência, à filosofia transcendental kantiana e ao sistema de Espinosa. Assim, são vários os raciocínios encontráveis na obra hegeliana que representam um esboço da progressão da racionalidade filosófica através dos diferentes filósofos interiorizados na *Ciência da Lógica* numa exposição sistemática.

Um primeiro exemplo desse procedimento é a estruturação geral do livro da *Lógica da essência* em essência, aparência e efetividade. Num primeiro momento Hegel aborda as determinações essenciais da reflexão, tais como a identidade, a diferença e o fundamento, as várias expressões de fundamento e



de necessidade. A segunda parte do livro surpreende porque o filósofo expõe um conceito tradicionalmente tido como contrário à racionalidade filosófica e encobridor externo da essência, a aparência. Nessa exposição, Hegel integra à razão uma categoria que a tradição metafísica e a filosofia transcendental kantiana relegaram à condição de exterioridade vazia e como negação da verdade. O sentido dado à aparência é o dinamismo do aparecer da essência traduzida nas condições da exterioridade e da realidade, procedimento sem o qual a essência permanece no vazio e carente de reflexividade. De agora em diante, a regra hegeliana é a obrigatoriedade do aparecimento da essência como constitutivo dela própria que somente é no aparecer. Uma indicação muito clara da significativa reviravolta operada por Hegel na tentativa de destruição da essência clássica é o capítulo que trata da destruição da coisa (*Auflösung des Dings*) como uma essência fixa, imutável e incomunicável. A progressão simultaneamente histórica e sistemática da razão reside na dissolução da essência e da aparência conciliadas na relação. Por essa via, a dura essência e a aparência são sintetizadas num sistema de relações estruturado por nós e por fios interligadores desses nós na interdependência global dos elementos e na reflexividade global da substancialidade. Da negatividade da destruição da essência resulta a construção positiva das diferentes referências de relações entre o todo e a parte, força e exteriorização e interior e exterior distribuídas sistematicamente pelas várias partes e configurações do sistema filosófico.

O capítulo sobre a efetividade estruturado em o Absoluto, a Efetividade e a Relação absoluta caracteriza outro exemplo de evolução da racionalidade filosófica através dos filósofos. Hegel desconstrói o clássico conceito de Absoluto contraposto ao mundo relativo e finito numa configuração sistemática que integra a absolutividade e a relatividade, a substancialidade e a acidentalidade, a transcendência e a imanência num único sistema articulado. Afinal, um Absoluto contraposto ao relativo e finito fica também relativo e finito. A conciliação dialética entre o Absoluto e o relativo resulta numa imensa teia de relações na qual aquele aparece na totalidade e globalidade do sistema, enquanto esse aparece na estrutura complexa de relações que perpassa intensamente toda a extensão do Absoluto. Hegel dissolve as tradicionais oposições de dois mundos hierarquicamente justapostos num único mundo em que as diferenças são integradas num processo metódico de exposição

sistematicamente articulado. Neste sentido, é indicativo o capítulo final da *Lógica da essência* que trata da relação absoluta (*das absolute Verhältnis*) estruturada em relação de substancialidade, relação de causalidade e ação recíproca entre substância e acidente. É exatamente nesse ponto em que Hegel expõe a passagem da dura substancialidade espinosista para a dinamicidade do conceito, da necessidade para a liberdade. Da relação entre substancialidade e accidentalidade aquela é a força universal de mediação e esta caracteriza a estrutura concreta daquela, de forma que as duas dimensões se identificam dinamicamente. Da evolução entre a relação de substancialidade, passando pela relação de causalidade para a ação recíproca (*Wechselwirkung*), resulta uma estrutura dinâmica em que a multidimensionalidade das determinações estabelecem relações horizontais, verticais e transversais na totalidade da substancialidade internamente estruturada na inter-relacionalidade das determinações, na transversalidade dos movimentos relacionais e na autorrelacionalidade global do sistema da *Lógica da essência*. No sistema de relações da essência todas as determinações se relacionam com todas, caracterizando cada ponto interligado com todos os outros como uma forma específica de combinação da totalidade do sistema enquanto configuração de relações.

Nestas referências realizadas a partir da *Lógica da essência* corre um processo no qual os filósofos integram um momento da evolução mais ampla da filosofia enquanto História da Filosofia no interior da própria *Ciência da Lógica*. Para chegar a Hegel que estrutura a subjetividade em universalidade, particularidade e singularidade, a *Lógica do conceito* em subjetividade, objetividade e Ideia, a Ideia absoluta em método, estrutura e sistema e o sistema filosófico em *Ciência da Lógica*, *Filosofia da Natureza* e *Filosofia do Espírito*, há alguns pontos angulares que marcam o desenvolvimento do sistema da razão. A filosofia clássica, preferencialmente de inspiração aristotélica que estabelece a oposição entre a substância primeira e acidentes é criticada em toda a extensão da *Lógica da essência*. Um primeiro ponto de referência da correção hegeliana é a crítica a Kant especialmente formulada na tensão entre essência e aparência que recebe uma importância racional igual à da essência. Nessa parte de sua obra Hegel associa-se a Fichte e Schelling no sentido de conciliar as dimensões separadas por Kant e construir um pensamento filosófico mais unificado e coerente. Um

segundo ponto de referência no interior da *Lógica da essência* é o diálogo crítico estabelecido com a filosofia de Espinosa que, na interpretação hegeliana, é estruturada num absoluto domínio da substancialidade em relação aos atributos e aos modos verticalmente rebaixados em relação àquela. Hegel, ao estabelecer uma equivalência entre substancialidade e acidentalidade, absolutividade e estrutura de relações, pressupõe uma crítica a Espinosa no sentido de tornar a razão mais dinâmica. Na verdade, o peso da crítica hegeliana é comparável à demolição de uma rocha cuja dispersão dos cacos e pedaços são relacionalmente reconstituídos e reintegrados numa estrutura dinâmica de relações. Dentro do mesmo livro aparece também a crítica hegeliana contra a indiferença da filosofia de Schelling que formula uma arquitetônica filosófica concentrada na *Filosofia da Natureza* estruturada na indiferença entre subjetividade e objetividade, entre essência e forma, entre Natureza e Filosofia Transcendental. A complexidade interior da *Ciência da Lógica* na tridimensionalidade de vários níveis de constituição e a estrutura complexa do sistema em Lógica, Natureza e Espírito é realizada, em boa medida, como uma resposta à excessiva simplicidade e indiferença do “sistema” schellinguiano.

Partindo do texto conclusivo da Ideia absoluta, fica ainda mais clara a relação entre *Ciência da Lógica* e a Filosofia da História elaborada na condição de uma relação externa. Na verdade, não é apenas uma parte da filosofia hegeliana que pode ser denominada histórica, mas toda a filosofia hegeliana é, de certa forma, uma Filosofia da História. A *Ciência da Lógica* é uma lógica dialética para a modernidade e contemporaneidade, elaborada no período pós-kantiano para responder aos desafios do período e para dar conta das inconsistências de tal filosofia. O sistema hegeliano como um todo é resultado do desenvolvimento e da transformação de uma longa tradição filosófica sistematizada no seu modelo dialético, conciliando a longa tradição da ontologia grega e medieval e o modelo da subjetividade moderna na exposição metódica da *Ciência da Lógica* e das outras obras que totalizam a chamada Filosofia do Real no sistema filosófico. Por outro lado, a filosofia hegeliana como um todo caracteriza um complexo arcabouço filosófico com a finalidade de sistematizar filosoficamente a modernidade e dar conta da rememoração da tradição filosófica interpretada na perspectiva da atualidade.

A Ideia absoluta não pode ser compreendida como uma idealidade universal exterior e fora da História, assim como a *Ciência da Lógica* não é uma filosofia transcendental anterior à Filosofia do Real e ao sistema filosófico. Contrariamente a essa possibilidade, a Ideia hegeliana concilia num único processo de desenvolvimento a Lógica e a História, a subjetividade e a objetividade, a logicidade do pensamento e a historicidade da efetivação. A relação entre a Ideia e a História não antepõe aprioristicamente a estrutura da Ideia em relação à História, e essa como uma manifestação posterior, mas a idealidade lógica e a efetividade histórica formam dois aspectos inseparáveis e integrados num mesmo processo de desenvolvimento. Conforme analisamos, a relação da Ideia absoluta com a História integra a dimensão subjetiva da inteligibilidade reflexiva da *Ciência da Lógica* e a dimensão objetiva da efetividade histórica (*Wirkungsgeschichte*). Sobre essa relação Hegel escreve:

O momento da atividade abstrata deve considerar-se como o nexos, como o medius terminus entre a Ideia universal, que repousa no poço íntimo do espírito, e o exterior, como o que tira a Ideia da sua interioridade e a põe na exterioridade. A universalidade, ao exteriorizar-se, logo se individualiza. O interno por si seria algo de morto, de abstrato; mediante a atividade, torna-se algo existente. Inversamente, a atividade eleva a objetividade vazia à manifestação da essência que existe em si e para si (HEGEL, 1995, p. 93).

O texto, extraído da Introdução às Lições à Filosofia da História Universal, aponta para o Espírito como a síntese entre a interioridade e a exterioridade constituídos na mútua relação entre as duas dimensões que totalizam a *Filosofia do Espírito*. Por essa via, a Ideia universal proveniente da *Ciência da Lógica* e a exterioridade proveniente da esfera da Natureza e da esfera da História formam-se na interação mútua. O texto é claro no sentido de afirmar que a interioridade da razão sem efetivação universal seria morta e abstrata, ao passo que a objetividade sem relação com a ideia seria vazia e sem consistência material. Nesta pulsão, a exterioridade da objetividade histórica é resultado da historicização da Ideia universal posta na exterioridade e a reflexividade interior dela é resultante da totalidade histórica e real retornada à dimensão propriamente racional. A relação entre Ideia universal e a História universal expõe tanto a interioridade da razão e a exterioridade do real em diferentes graus de configuração em diferentes estruturas de mediação proporcionadas pelo Espírito

como a realidade consciente em si e para si. Em palavras mais simples, a relação da Ideia universal com a História está carregada de um movimento histórico segundo o qual, para uma epocalidade ou civilização, há uma estrutura de idealidade racional correspondente, ou seja, cada estrutura epocal objetiva produz a sua sistemática de reflexividade enquanto círculo da Ideia adequado para a mesma. Assim, para a civilização grega há uma sistemática de pensamento filosófico correspondente; para a civilização moderna também há um modelo e uma estrutura de pensamento correspondente enquanto a sua reflexividade.

O texto acima inserido contém uma dupla estrutura silogística formada em níveis diferenciados. O espírito, como *Filosofia do Espírito*, caracteriza a plataforma na qual esses silogismos se desenvolvem enquanto estrutura de mediação universal. Por esse caminho, o primeiro silogismo começa pela universalidade interior da razão que se diferencia na estrutura objetiva da particularidade enquanto efetividade histórica de uma época. O caminho segue quando a sistemática do contexto histórico formado pela cultura, pela sociedade, pelas obras históricas, instituições sociais e políticas é transposta na dimensão teórica e sistemática do pensamento filosófico configurado como Ideia filosófica universal. Nesta condição, a sistemática da *Filosofia do Espírito* na estrutura do movimento silogístico define um movimento ascensional no qual a razão sai da universalidade interior para a exterioridade efetiva da particularidade histórica como uma autodeterminação da razão ulteriormente transposta no momento mais elevado da razão filosófica como uma apreensão do mundo na sistematicidade e criticidade do pensamento filosófico. Um segundo ciclo estrutural de silogismo começa com a realidade da particularidade histórica que penetra na interioridade histórica compreendida como uma estruturação racional. Esta racionalidade, enquanto supera a atual configuração da efetividade histórica, novamente se exterioriza e se traduz na totalidade da universalidade concreta, numa estrutura silogística formada pela particularidade efetiva, passa pela interioridade da universalidade reflexiva e retorna à totalidade da universalidade concreta enquanto nova efetividade histórica. Esta relação da Ideia com a História enquanto dialética de subjetividade e de objetividade, de objetivação da subjetividade e de subjetivação da objetividade, compreende uma sucessão de círculos concêntricos dispostos em diferentes graus de universalidade. De regra, a estrutura silogística de mediação entre a Ideia

universal e a História compõe um movimento de ascensionalidade qualitativo que parte da intimidade do espírito, expõe-se na visibilidade da realidade exterior da História, enriquece-se através da efetivação e eleva-se num outro patamar de sistemática filosófica. A mútua mediação das duas dimensões como momentos constitutivos da *Filosofia do Espírito* é comparável a uma estrutura cíclica de círculos concêntricos que sucessivamente ampliam a abrangência e a profundidade da universalidade inteligível e da universalidade concreta numa mobilidade na qual o último círculo em ação concentra a maior força da autodeterminação racional e efetividade concreta.

O sistema filosófico de Hegel estruturado pela *Ciência da Lógica*, pela *Filosofia da Natureza* e pela *Filosofia do Espírito*, insere-se nessa dinâmica histórica global. A tensão dialética apontada na estrutura da Ideia absoluta entre universalidade subjetiva e universalidade objetiva é direcionada para um movimento dialético no qual a filosofia hegeliana ocupa um círculo desse desenvolvimento global. A *Filosofia do Espírito* enquanto Filosofia da História estrutura-se pelo autodesenvolvimento da razão filosófica universal em autodesdobramento nos modelos e sistemas filosóficos constituídos ao longo da História e pelo desdobramento da liberdade através das épocas e civilizações, bem como a sua estrutura de articulação na cultura, na política e na sociabilidade. O sistema filosófico hegeliano, interpretado na perspectiva de um círculo de desenvolvimento global que combina História universal, Filosofia da História universal e História da Filosofia, caracteriza uma tridimensionalidade entre a interioridade da *Ciência da Lógica*, da exterioridade imediata da *Filosofia da Natureza* e a universalidade concreta da *Filosofia do Espírito*. Nessa perspectiva, por um lado, o sistema hegeliano é resultado da síntese aberta e dinâmica dos vários modelos de sistemas e paradigmas filosóficos desenvolvidos ao longo da História da Filosofia, enquanto, por outro, suprassume essas diferenças sistemáticas na atualidade filosófica do sistema. Com isso, Hegel integra os clássicos dualismos da metafísica ocidental e da filosofia transcendental moderna numa única exposição que reúne a sistemática racional (*Ciência da Lógica*) e a sistemática do real (Filosofia do Real) num único sistema filosófico. A sistematização hegeliana também passa pelo Idealismo Alemão no qual a subjetividade absoluta, de Fichte, é o fundamento imóvel em relação ao qual são deduzidas as sentenças secundárias e terciárias, quando Hegel transforma essa

noção no processo de universalização concreta entre a *Ciência da Lógica* e as outras esferas do real. Diante do sistema schellinguiano diluído na simplicidade da sua Filosofia da Natureza na qual a subjetividade e a objetividade são igualadas, Hegel propõe um sistema complexo de três esferas entrelaçadas por um círculo universal, propõe uma lógica dialética e distingue natureza e espírito.

### **Considerações finais**

O artigo procurou mostrar o estatuto próprio da *Ciência da Lógica* a partir do texto final da Ideia absoluta. A significação filosófica da obra que está completando dois séculos de sua publicação deve ser analisada a partir da dupla referência das relações para o interior e para o exterior. Como afirmamos ao longo da exposição, a obra hegeliana em questão não é uma pura doutrina na qual são expostas verdades transcendentais absolutas e acabadas, mas desenvolve uma profunda crítica à tradição filosófica e, a partir dela, formular uma nova concepção e uma nova estrutura metódica para a filosofia.

Na relação da *Ciência da Lógica* para o interior sustentamos uma trajetória filosófica que passa pelas categorias da metafísica tradicional, pela filosofia kantiana e pela substância espinosista na passagem da dura necessidade para a liberdade do conceito. Mas a significação fundamental da *Ciência da Lógica* é nas suas relações externas evidenciadas no processo de desdobramento nas outras esferas do sistema. Ela deixa de ser uma pura racionalidade transcendental para transformar-se na estrutura interna enquanto força articuladora do sistema filosófico, perpassando e compenetrando as esferas do real.

A relação entre a *Ciência da Lógica*, condensada sinteticamente na estrutura metódica da Ideia absoluta, e a História universal é estruturada pelas linhas da horizontalidade e da verticalidade. A horizontalidade é constituída pelas determinações categoriais e esferas conceituais da *Lógica do ser*, da *Lógica da essência* e da *Lógica do conceito*, numa homologia direta com a progressão sistemática da História da Filosofia tal como concebida por Hegel. A linha da verticalidade é ocupada pelos diferentes graus de efetividade da constituição do sistema, tais como a natureza, o espírito subjetivo, o espírito objetivo e o espírito absoluto. A coextensividade entre Ideia universal e História caracteriza um desenvolvimento metódico no qual a sistemática do real é mediatizada pela sistemática filosófica de uma determinada época e vice-versa. Neste sentido,

importantes obras e modelos de pensamento estendidos ao longo da História da Filosofia podem situados entre as linhas de horizontalidade e verticalidade, conforme a combinação nelas inscrita entre o alcance da logicidade e a efetividade do real. Os sistemas de Espinosa e de Schelling, por exemplo, dada a esfera da natureza que integram, podem ser incluídos, na linha horizontal, na essência, e na linha vertical, na natureza. A *Enciclopédia das Ciências Filosóficas*, em função da distribuição sistemática das esferas da Lógica, da Natureza e do Espírito, na linha da horizontalidade é situada no conceito e na linha da verticalidade é situada entre o espírito objetivo e o espírito absoluto. Nesta altura de configuração da progressão das determinações da razão e do real a horizontalidade e a verticalidade são transformadas na circularidade em função do equilíbrio entre *Ciência da Lógica* e Filosofia do real, entre método e sistema, entre dialética e resultado etc. A síntese entre verticalidade e horizontalidade é dada pelas diferentes formas de exposição da *Enciclopédia das Ciências Filosóficas* que avança ciclicamente na dinamização do sistema que se torna aberto.

#### Referências Bibliográficas

- BOURGEOIS, Bernard. *Hegel: os atos do espírito*. Trad. de Paulo Neves. São Leopoldo: Unisinos, 2004.
- DÜSING, K. *Das Problem der Subjektivität in Hegels Logik*. Systematische und entwicklungsgeschichtliche Untersuchungen zum Prinzip des Idealismus und zur Dialektik. Bonn: Bouvier Verlag, 1976.
- HARTMANN, Klaus. *Hegels Logik*. Berlin: Walter de Gruyter, 1999.
- HEGEL, G. W. F. *A razão na história: introdução à filosofia da história universal*. Trad. de Arthur Morão. Lisboa: Edições 70, 1995.
- HEGEL, G. W. F. *Enciclopédia das ciências filosóficas em compêndio (1830)*. Trad. Paulo Meneses. São Paulo: Loyola, 1995a. 3 v.
- \_\_\_\_\_. *Wissenschaft der Logik*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1993b. 2 b.
- \_\_\_\_\_. *Wissenschaft der Logik*. Hamburg: Felix Meiner, 1999a. 2 b.
- LAKEBRINK, Bernhard. *Die Europäische Idee der Freiheit*. Hegels Logik und die Tradition der Selbstbestimmung. Netherlands: Leiden E. J. Brill, 1968.
- MARCUSE, Herbert. *Razão e revolução*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.



PUNTEL, L. B. *Darstellung, Methode und Struktur*. Untersuchungen zur Einheit der systematischen Philosophie G. W. F. Hegels. Bonn: Bouvier Verlag, 1981.

Data de Recebimento: 17/05/2013

Data de Aprovação para Publicação: 20/06/2013